

A VOZ PAROQUIAL

==== Mensário da Comunidade Cristã de Santiago e Maio ====

Propriedade e edição da
Paróquia de N.ª S.ª da Graça — C. Verde
PRAIA

Director e administrador: Pe. António Figueira Pinto
Redacção: Armando Ferreira e Luís Cabral

Comp. e imp. Tip. Minerva de C. Verde
Av. Andrade Corvo, 85 — Praia

OS SERVIÇOS DE SAÚDE em Cabo Verde

Quem manuseia o estudo "Evolução dos Serviços de Saúde e Assistenções da Província de Cabo Verde" do Dr. Henrique Lubrano de Santa Rita Vieira, editado em 1966, logo se dá conta de que a história dos serviços de saúde nesta parcela de Portugal é surpreendentemente rica de bons e de maus momentos. Muitos documentos desde o século XV nos atestam as diferentes fases por que passou. Em 1497, por exemplo, o rei D. Manuel I determina a edificação de um hospital na ilha de Santiago, na vila de Ribeira Grande ao mesmo tempo que cria uma receita para a sua manutenção.

Se bem que as possibilidades terapêuticas da época fossem rudimentares, nota-se desde o início um esforço grande por fazer uma política da saúde a sério. Porém os cirurgiões do tempo, as mais das vezes incompetentes, contribuíram, em parte, para dar desde começo fama de insalubridade ao Arquipélago em geral e à cidade de Ribeira

Grande em particular. Havia muito poucos médicos formados nas Universidades.

As armadas que iam para a Índia, nos princípios do século XVI, levavam indicações para evitarem a Ilha de Cabo Verde (Santiago) e preferirem a Costa de Bezeçuiche para fazer aguada. Várias autoridades, até Governadores, foram vítimas da insalubridade desta ilha. Em 1771 um Governador Geral morre com toda a família e este facto vai contribuir para que outro Governador, Joaquim Salema Saldanha Lobo mude a capital e governo para a Praia. A mudança de capital andou sempre afecta a este problema da insalubridade. Primeiro da Cidade Velha para a Praia, mais tarde para Santa Catarina, ou para S. Vicente, esta última mudança recusada por motivos de saúde que prevalecem assim sobre os sócio-políticos. Todo o século XIX está recheado de acontecimentos relativos a estas mudanças.

A Praia acaba por prevalecer.

Na década de 1860, conseguem se enxugar da pântanos da Várzea da Companhia e Praia Negra em que se gastaram grandes somas. E assim a Praia passou a ser um dos sítios mais salubres até aos nossos dias.

As doenças mais vulgares do século XIX foram: o sarampo, a cólera, a sífilis (esta que deu origem em 1866 à matrícula das meretrizes como medida preventiva) a febre amarela, a escarlatina e a varíola.

Outra medida importante neste século, foi a tentativa de solução do problema do corpo clínico. Optou-se nesta altura pelo uso de mandar bolseiros à Universidade do Rio de Janeiro, medida que infelizmente se revelou custosa e ineficaz. Dos alunos enviados, nenhum parece ter voltado.

Até esta altura Cabo Verde e Guiné formavam uma unidade na organização dos serviços sanitários.

(Continua na 4.ª pag.)

A Voz Paroquial deseja a todos os seus assinantes, amigos e leitores em Cabo Verde ou no Estrangeiro um Natal Feliz e um próspero Ano de 1971

Neste número

● Os Direitos do Homem

(Pág. 5 do Sup.)

● O Centro Paroquial

(nas páginas centrais)

● Panorama

(na página 8)

● Suplemento

(apenso a este número)

Declaração dos Direitos da Criança

São passados 11 anos sobre a publicação pela ONU de um importante documento em que se enumeram os direitos básicos da criança dos nossos dias. Coincide este 11.º aniversário com a celebração do ano internacional da Educação, lançado pela UNESCO. Ocasão propícia, pois, para cada educador, cada governante, cada adulto em geral se debruçar sobre os direitos da criança, o mesmo é que dizer sobre os seus deveres em relação a esta geração que surge como cheque em branco para o futuro da nossa sociedade.

ARTIGO 1.º

A criança deve gozar de todos os direitos enunciados na presente Declaração. Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem excepção alguma e sem distinção ou discriminação fundadas sobre a raça, a cor, o sexo, a língua, a religião, as opiniões políticas ou quaisquer outras, a origem nacional ou social, a riqueza, o nascimento, ou qualquer outra situação quer ela se aplique à criança em si mesma, quer à sua família.

ARTIGO 2.º

A criança deve beneficiar de uma protecção especial e de possibilidades e faculdades por força da lei e por outros meios, a fim de estar em condições de se desenvolver de uma maneira sã e normal no plano físico, intelectual, moral, espiritual e social, em ambiente de liberdade e dignidade.

Na adopção de leis com esta finalidade, o interesse da criança deve ser a consideração determinante

ARTIGO 3.º

A criança tem, desde o nascimento, direito a um nome e a uma nacionalidade.

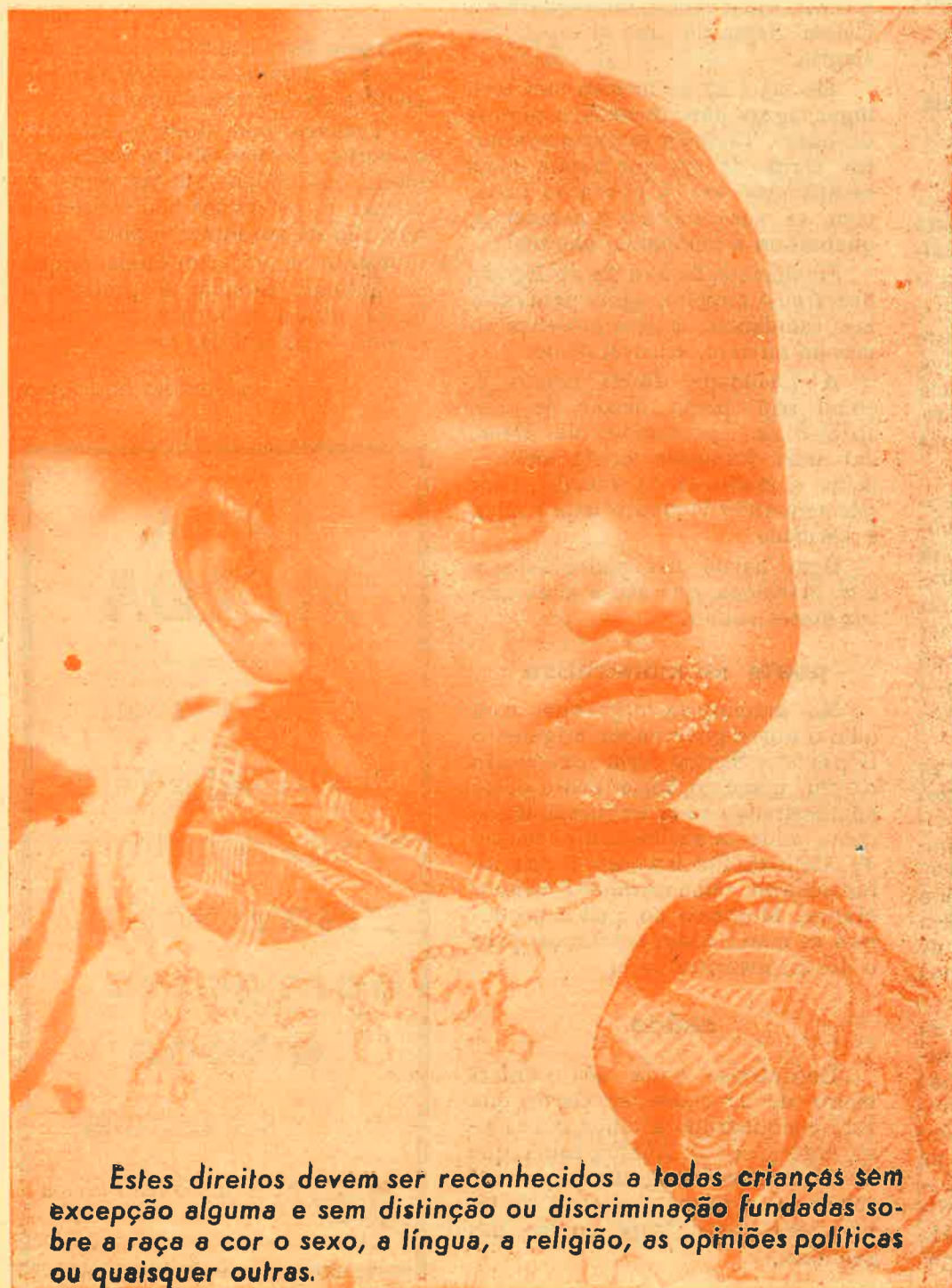
ARTIGO 4.º

A criança deve beneficiar da segurança social. Deve poder crescer e desenvolver-se de um modo sã; para este fim, devem ser-lhe asseguradas uma ajuda e uma protecção especial, bem como à mãe sobretudo cuidados pré-natais e pós-natais adequados. A criança tem direito a alimentação, habitação, divisões e cuidados médicos adequados.

ARTIGO 5.º

A criança física, mental ou socialmente diminuída deve re-

(Continua na 8.ª pag.)



Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem excepção alguma e sem distinção ou discriminação fundadas sobre a raça a cor o sexo, a língua, a religião, as opiniões políticas ou quaisquer outras.

NOTÍCIAS DAS PARÓQUIAS

Santa Catarina

movimento de pessoal missionário

O sr. padre Cruz teve mais uma vez de ir tomar conta da paróquia de Santo Amaro, Tarrafal, visto que o sr. padre Moniz tinha de se deslocar a Lisboa em missão de serviço, na qualidade de novo superior dos padres do Espírito Santo de Cabo Verde.

Em serviço encontra-se provisoriamente entre nós o sr. padre Paulino Évora, missionário em Angola que veio passar as férias com a família na Praia.

A irmã Maria do Carmo, que vinha exercendo o cargo de superiora das irmãs em Santa Catarina, deixou-nos para se fixar na Praia, donde partiu agora para Lisboa. Para a substituir ficou a irmã Olímpia, que já se encontrava aqui a trabalhar.

temporada religiosa

A festa da padroeira da Assomada foi celebrada com a solenidade do costume: missa solene, sermão e procissão, tendo havido no dia anterior uma vigília.

A primeira comunhão das crianças de Figueira das Naus que fizeram o seu primeiro encontro com o Senhor eucarístico na festa de S. Pedro e S. Paulo.

O 50.º aniversário da ordenação sacerdotal do santo padre foi devidamente assinalado.

Também constituiu ocasião para mais uma festa a solenidade de S. António.

A responsável pela expansão da JACF enviada da metrópole esteve entre nós e contactou com os elementos da nossa paróquia, após o que seguiu para o Tarrafal.

Santa Maria Goretti, padroeira da obra da costura e da pre-JAC, teve a sua festa externa no dia 12 de Julho.

Ainda com missa cantada e procissão foi festejada em Volta do Monte, a padroeira do lugar: Santa Ana. Ali acorreram muitos forasteiros; mas da paróquia mesmo. . .

ano agrícola

Na expectativa de um ano agrícola mais promissor que os transactos, o nosso povo começou as suas sementeiras quase logo no início do mês de Julho. Algumas pessoas haviam levado antes as suas sementes para serem benzidas. Nem todos, porém, tiveram a legítima alegria de começar o tão desejado e apetecido trabalho nessa altura: estavam impedidos de o fazer enquanto não satisfizessem o compromisso do pagamento das rendas, cujo atraso foi devido ao mau ano agrícola por que acabámos de passar. Felizmente, as autoridades competentes, depois de estudado o assunto, determinaram que todos os que estivessem nestas condições, sem se renunciar ao pagamento das rendas em atraso, fizessem as suas sementeiras como de costume. Assim o exigia o bem de todos. O tempo urgia já forçosamente. . . É a eterna questão rendeiro-morgado, morgado-rendeiro. . .

As chuvas, depois de ansiosamente esperadas e depois de se terem feito anunciar com uma série de ensaios e preparativos atmosféricos, caíram, finalmente e felizmente, em 3 de Agosto, não copiosamente, mas o mais que suficiente para fazer nascer um raio de esperança nos espíritos daqueles (que são todos, afinal), que têm na terra semeada e molhada toda a fonte da sua subsistência.

Com as sementeiras começou

também a tradicional "guarda dos corvos", tarefa confiada, geralmente, aos mais novos, e com todo o rosário das conhecidas consequências, como sejam a promiscuidade por eles procurada e provocada, a falta ao cumprimento dos deveres dominicais, a falta aos deveres escolares, no tempo de escola, etc.

Para os mais crescidos, o tempo de pausa nas suas necessidades espirituais: menos confissões, menos batismos, menos casamentos; mas o casamento também é evitado no mês de Agosto, visto que. . . é muito agourento e, portanto. . . perigoso!

Quando é que a nossa gente conseguirá arrancar de vez esta e tantas outras minhocas que lhe povoam o cérebro? Talvez só com uma campanha, cerrada, bem organizada, insistente e prolongada!

os que estudam

O ano escolar terminou com bons resultados.

Aqueles que se deslocaram à Praia para os exames do 2.º ano obtiveram grande número de dispensas das provas orais.

Pela presença buliçosa e apresentação mais ou menos extravagante de alguns jovens na praça e nas ruas, naturalmente notou-se que se encontravam em férias com os seus familiares aqueles que fora faziam os seus estudos.

No dia 28 de Julho teve lugar a prova de apuramento dos candidatos a monitores escolares. Eram cerca de uma centena aqueles que se apresentaram à prova. Resultados muito fracos, infelizmente.

Começaram e acabaram as matrículas e, embora custe a crer, ainda há pais que parecem pôr em dúvida ou em menos apreço não só a utilidade da instrução, mas sobretudo o direito a ela que toda a criança possui.

Santiago Maior

No passado dia 12 de Agosto chegou a esta freguesia, para assumir as funções de Chefe de Posto, o Sr. Noel Costa.

Fazemos votos para que esta inovação na orgânica administrativa dê os melhores frutos, servida pela competência do actual Chefe de Posto, a quem apresentamos as "boas vindas".

Os trabalhos públicos, e o conseqüente desenvolvimento, continuam em todas as frentes. Para já assinalamos a conclusão do calcetamento, dentro dos limites desta freguesia, na estrada Praia—Calheta.

Por outro lado, os trabalhos de calcetamento na estrada Orgãos—Santiago penetraram já na nossa freguesia.

Celebrou-se no passado dia 25 de Julho a festa de Santiago Maior. Embora dia de trabalho, poucos compareceram no serviço, pois é de tradição "guardar" o dia do Padroeiro. A Celebração da Missa seguiu-se a tradicional procissão com a imagem de Santiago Maior, demonstração de fé em Deus que operou maravilhas nos seus Santos.

Apesar de as circunstâncias da vida "obrigarem" muitos a afastarem-se do seu torrão natal, estes não esquecem a terra nem os seus problemas. . . As cartas recebidas disso nos dão conta: de D. Dominica de Brito Pina (América do Norte), Mamede Semedo Borges (Angola) Filipe de Pina Monteiro e esposa (Hollanda), Benvindo Gomes Tavares (Fi-

gueira da Foz) e Damásio Correia Varela (Lisboa). Que Deus a todos acompanhe!

A iluminação eléctrica é, por si mesma, sinal de progresso e pode ser, também, factor de desenvolvimento. Depois de Praia, Assomada, Tarrafal, S. Domingos. . . não terá chegado ainda a vez de Santiago ver o seu principal centro, Pedra Badejo, electrificado? A populosa e movimentada povoação assim o espera.

No passado dia 1 de Agosto uniram-se para sempre, pelos laços do matrimónio, a menina Ernestina Barbosa da Cruz e o jovem António Tavares Andrade, de Pedra Badejo. Filiados na JACF e em outros movimentos apostólicos da paróquia, viram-se rodeados por numerosos colegas e amigos que solenizaram a sua união matrimonial.

Uniram-se, também em matrimónio: Ana da Veiga Lopes com Daniel Tavares Moreira, de Pedra Badejo; Aidite Gomes Alves com Francisco Rui Garcia Afonseca, de Orgãos; Maria Rosa Gonçalves Loff com Alirio José Canuto, de Pedra Badejo; Francisco do Nascimento Borges Oliveira com Clentério Lopes Delgado, de Chã da Silva; Anastácia Vieira Tavares com Marcelo Mendes Tavares, de Matinho.

Parabéns e felicidades para os novos lares.

Calheta de S. Miguel

curso de férias

Nos dias 16 a 20 de Julho p. p. realizou-se o primeiro curso de férias nesta povoação, para 30 raparigas, simpáticas, folgazãs que, ora a rezar, ora a cantar, impregnaram a Colina Santa de uma sã e bolicosa alegria.

De 23 a 27 do mesmo mês teve lugar, agora para rapazes, o segundo curso. Também estavam presentes cerca de 30, que deram umas escapadelas até à povoação onde, com as suas mornas e coladeiras, quebraram a monotonia habitual.

Finalmente, de 20 a 24 de Agosto decorreu o terceiro, agora para rapazes estudantes, com a presença do mesmo número, sensivelmente.

A finalidade destes cursos é, como não podia deixar de ser, abeirar a juventude de Deus, dar uma formação cristã aos homens e mulheres de amanhã, para que no mundo vindouro haja justiça e caridade.

Bem hajam o sr. padre Teles e a ir. Madalena, que são a alma motriz destes cursos.

posto administrativo

No âmbito da larga visão com que o nosso governador brigadeiro Lopes dos Santos vem exercendo o seu mandato, foi criado o posto administrativo desta freguesia, tendo como sede a acolhedora povoação da Calheta. Ficou à testa o distinto funcionário administrativo senhor Manuel Monteiro, no qual depositamos as mais lídimas esperanças para o desenvolvimento local.

saúde

Encontra-se entre nós o enfermeiro de 2.ª classe, sr. Carlos que vem conquistando a todos, e a esposa, enfermeira D. Eunice, com o que a Calheta se congratula, por ver realizada a velha aspiração de ter uma enfermeira para cuidar das senhoras.

estrada

Está a urgir a reparação da estrada Calheta — Santa Catarina. Com efeito, apesar de a vila da Assomada não distar mais que 16 Km da nossa povoação, somos actualmente obrigados a dar a volta por Santiago, Orgãos e Picos para lá chegarmos.

casamento

Realizou-se no dia 11 de Agosto, na igreja paroquial desta freguesia, o enlace matrimonial da gentil professora primária Maria Socorro Mendes Dias, filha do sr. Henriques Mendes Dias e da snra D. Amélia Nunes, com o sr. João de Brito Furtado Rodrigues Pereira, funcionário dos TACV.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a snra D. Maria Marise Barbosa e o professor primário Carolino Henriques Fortes Dias; por parte do noivo, D. Lina Moreira e o sr. Roberto Borges Furtado.

Ao simpático casal, muitas felicidades para a vida futura.

telefone

Finalmente a nossa grande aspiração foi concretizada: temos o telefone!!!

festa de N.ª Sra. de Socorro

Acorreu à igreja, nos dias 14 e 15 de Agosto, uma multidão de fiéis vindos de todos os recantos da freguesia para celebrarem as tradicionais festas, onde não faltaram o estralejar de foguetes e o remoto batuque que, lentamente, ao ritmo da civilização, vai perdendo o ardor da selva.

Copiosas chuvas caídas na véspera mais contribuíram para realçar o acontecimento.

cemitério

O cemitério de Ponta Verde desta freguesia foi sensivelmente remodelado nos últimos anos, graças a iniciativas da Câmara municipal.

Todavia, falta ainda o essencial: a porta. Cresce ali um verdejante prado, de modo que as vacas, as cabras e os porcos não resistem à tentação de tão atraente pitéu.

Não é bonito, nem humano, que os animais estejam a profanar a nossa última morada e a perturbar o sono sepulcral das nossas sogras.

Delinho Rodrigues

CASA
MOEDA

TELEFONE 212

Praia—Cabo Verde

Prefira o melhor:

≡ Novidade,

bom gosto

e bons

preços

Visitando esta Firma

Extractos das Actas do último Conselho Presbiteral da Diocese de Cabo Verde

(continuação do número anterior)

Primeiras Experiências da Junta Diocesana da Acção Católica

Foi relator o Padre Sá, Assistente Diocesano, que, em poucas palavras, resumiu os primeiros passos dessa recente criação na Diocese. Começou por afirmar que a Junta foi recebida com certas reservas, atendendo à escolha dos membros que não seguiu os trâmites a que se está habituado dentro dos Organismos da Acção Católica, em que os chefes são sempre escolhidos por eleição.

A Junta fez o seu juramento solene no dia de Cristo Rei e, pouco depois, teve uma reunião com os diferentes presidentes dos variados organismos, bem como alguns elementos válidos desta ilha, a fim de se estabelecer um ponto de partida para o trabalho. O ponto culminante dessa reunião foi propor ao senhor Bispo a nomeação de alguns vogais da Junta, representativos dos organismos da Jacif, Jecif, Jofif, e das diferentes Ligas que pudessem colaborar e tornar verdadeiramente eficiente uma Junta que é ainda inexperiente.

A Junta já teve alguns contactos com organismos da Praia e de S. Vicente, certificando-se da possibilidade de um trabalho sério e frutuoso.

Em S. Vicente, interferiu o Pároco, podemos esperar muito quando houver um Assistente local, assunto que está já praticamente resolvido.

O Senhor Bispo disse que todos os Párcos que desejassem um apoio para a sua Acção Católica, ainda em regime experimental ou mesmo já em desenvolvimento, ou mesmo os que tentam fundá-la nas suas paróquias, devem dirigir-se à Junta que, por sua vez, tem de pôr-se em contacto com as necessidades da Diocese no tocante a este apostolado específico, sobretudo com as paróquias de São Filipe e de São Lourenço do Fogo e as da Brava, onde já há uma Acção Católica, e ainda com o Sal, onde há um fermento.

Ventilou-se finalmente a questão já longamente debatida da J. C. F., e chegou-se à conclusão que é preferível cada pároco filiá-la numa das secções existentes, que mais se coadune com o meio ambiente, aliás não poderá receber cadernos que possam orientar as reuniões e as campanhas anuais. Lembrou-se, a este propósito, que a Jac, actualmente, se chama comumente "rural".

Alguns párcos pediram ao Assistente da Junta Diocesana para conseguir e mandar bibliografia que possa orientar e mesmo ensinar os métodos da A. C.

IV SESSÃO

Antes de começar o N.º 9 da Agenda, o Presidente do Secretariado Regional da Catequese leu uma exposição sobre a natureza e finalidade da Catequese, historiando em poucas linhas o lançamento da Catequese nesta Diocese segundo os métodos modernos. Em seguida, leu as actividades desenvolvidas no decorrer do ano passado e leu um relatório apresentado pelas Irmãs do Espírito Santo, mostrando as necessidades urgentes que importa remediar e apresentando dados estatísticos do estado actual da Catequese nesta Ilha de Santiago.

Sobre a exposição, o Conselho Presbiteral pediu à Comissão eleita para o estudo do Projecto de Estatutos do Secretariado da Catequese para tomar em conta os dados apresentados, encarregando-a ainda de estruturar a Associação da Doutrina Cristã na Diocese, dentro do plano dos Estatutos.

Levantou-se também a ideia de se provocar uma reunião entre as diferentes Irmãs que trabalham na Diocese para um estudo em conjunto sobre o trabalho a realizarem nas diferentes paróquias, sobretudo no tocante à Catequese.

Seguindo o rumo modesto, mas possível, votou-se pela criação de uma comissão de três padres encarregados do estudo de um Projecto, que será levado à apreciação de alguns elementos válidos na Diocese sobre o assunto e, finalmente, apresentado à discussão do Conselho Presbiteral.

Planificação Económico-Social da Diocese

Foi relator o Cônego Fernando, presidente da Comissão. Começou por dizer que o assunto era difícil e melindroso, que não houve oportunidade por motivo das distâncias, senão para contactos rápidos e curtos entre os membros da Comissão e, por isso, era natural que não fossem considerados todos os variados aspectos do problema e que se esperava grande discussão.

Em linhas largas, mostrou que o subsídio mensal aos padres não poderia ser inferior a 2.500\$00, que o subsídio actual de 1.000\$00, atendendo às circunstâncias dos tempos em que vivemos, é verdadeiramente vexatório, mais parecendo uma assistência que se faz a um pobre do que um subsídio a um homem formado e, finalmente, era preciso insistir junto do governo, para que a dotação total subisse para 1.500\$00 anuais para que os Padres fossem suficientemente remunerados, conforme o estabelecido no Acordo Missionário.

No caso de o Estado não aumentar o Subsídio, o rendimento de todas as propriedades, os subsídios da Propagação da Fé, da Santa Infância e de São Pedro Claver serviriam de bolo comum que, proporcionalmente seria distribuído pelos Padres, obras paroquiais, Seminário, Cúria, Fundo para a pensão aos Padres velhos e doentes, subsídio para os que têm de fazer grandes despesas de viagem nas suas férias fora da metrópole, sacristães e pessoal da Igreja.

No caso do Estado dar o Subsídio de 1.500.000\$00, ficaríamos com maiores possibilidades no emprego do bolo comum da Diocese.

Antes de começar a discussão, o Senhor Bispo esclareceu:

a) — Os subsídios concedidos pela Obra de São Pedro Claver são livres, não são fixos e muitas vezes têm um fim determinado que é preciso respeitar.

b) — Os subsídios da Santa Infância e da Propagação da Fé não são estáveis, podendo variar, como de facto o da Santa Infância diminuiu este ano.

c) — O Prelado, por si, não pode desviar certos rendimentos que estão vinculados por testamentos ou doações, mas só a Santa Sé.

Nas intervenções dos Padres do Conselho disse-se que era preciso interpretar bem a letra do Acordo Missionário quanto ao Subsídio dado às Missões e facilmente se veria uma injustiça na verba atribuída a esta Diocese. Afirmou-se e discutiu-se longamente sobre a divisão do subsídio, se deveria ser igual para todos os padres ou inversamente proporcional ao rendimento de cada um.

Elaborada a proposta nestes termos: Os padres da Diocese devem receber um subsídio igual para todos, ou inversamente proporcional ao rendimento mensal de cada um (?), foi perguntado se aceitavam ou não que ela fosse posta a votação. Houve alguma discordância, mas finalmente foi aceite. As respostas eram: "igual" ou "proporcional".

Resultados:	Proporcional	— 13 votos
	Igual	— 2 votos
		2 votos nulos

Foi posta a discussão com fins de votação a seguinte proposta: Uma vez estabelecido que o subsídio da Diocese aos padres deve ser distribuído em razão inversa do seu rendimento mensal, devemos dividir as paróquias em três categorias: — de 1.ª, de 2.ª e de 3.ª classe. Os Padres professores no Liceu ou Externatos, que recebem o vencimento total, não têm subsídio da Diocese; os que não recebem o vencimento total serão compensados; os padres do Seminário e de Cúria serão equiparados aos padres que trabalham nas paróquias de 2.ª classe; todos os Religiosos recebem um subsídio uniforme, igual aos padres que trabalham nas paróquias de 2.ª classe. O subsídio dos padres que trabalham nas paróquias de 1.ª classe é de 1.000\$00, os de paróquias de 2.ª classe recebem 1.500\$00, e, finalmente, os de paróquias de 3.ª classe recebem 2.000\$00. Se o dinheiro disponível da Diocese para este fim não atingir a totalidade da importância exigida, far-se-á o desconto proporcionalmente ao subsídio a que tinham direito.

Depois de porfiada discussão, procedeu-se à votação, em que a proposta foi aceite por unanimidade: — 17 votos.

Propôs-se uma comissão para a classificação das Paróquias, que, sendo votada, ficou a mesma que já trabalhou na Planificação Económico-Social da Diocese, com 9 votos, sendo os outros distribuídos por: Padre Nogueira e Pio, 6 cada; Padre Lobo, 5; Padre Valente 2; Cônego Jacinto e P. José Maria, 1 cada.

Quanto à pensão proposta pela Comissão para a velhice, depois dos 65 anos, todos foram unânimes que se inscrevessem numa das Fraternidades da Metrópole, ficando o Cônego Fernando encarregado de ver e estudar os diferentes estatutos para se escolher mais aceitável.

Ficou também determinado que os Padres em férias de licença graciosa ou na metrópole por doença continuariam a receber o subsídio a que têm direito; mas, quanto aos Religiosos, o Superior deve comunicar o caso ao Senhor Bispo; quanto aos diocesanos devem eles próprios entender-se com o seu Prelado.

Apresentou-se nova proposta à discussão para votação: O subsídio para os sacristães e ajudantes de paróquia deve ser igual para todas as paróquias sem distinção de classes, pois se as paróquias de 1.ª classe têm mais movimento e precisam de maior assiduidade e número de empregados, também as fábricas dessas paróquias recolhem mais receitas. Sem votação, a proposta foi aceite por unanimidade de recolher mais paróquias?

Atendendo-se a que os sacristães e ajudantes de paróquia têm de receber um justo salário, que será tirado da fábrica, propuseram-se à votação os seguintes subsídios da Diocese: 250\$00, 300\$00 e 500\$00.

Resultado da votação:	250\$00	— sem votos
	300\$00	— 7 votos
	350\$00	— 1 voto
	500\$00	— 9 votos

Finalmente pôs-se a seguinte proposta para discussão e votação, se assim fosse necessário: Além dos 700.000,00 dotados pelo Governo, devem ser postos à disposição das despesas estabelecidas nesta sessão todos os rendimentos das propriedades da Mitra, do Cabido e das Igrejas. O Senhor Bispo concordou, tomando o compromisso só para o tempo que estiver como Prelado da Diocese.

Os passais continuam no regime actual, devido à comissão considerá-los na classificação das paróquias.

Viabilidade de uma Divisão de Paróquias

Posta a questão a discussão, disse-se que havia uma necessidade premente de divisão de Paróquias por motivos de ordem pastoral, pois, segundo os mestres no assunto, é impossível um apostolado verdadeiramente fecundo e eficiente em paróquias com uma população superior a dez mil almas. É certo que, atendendo à falta de pessoal e de meios financeiros que facilitem o assunto, é impossível resolver o problema local em toda a sua amplitude, mas há pelo menos quatro paróquias sobre as quais se deveria debruçar o Conselho: Praia, S. Vicente, Santa Catarina da Ilha de Santiago e S. João Batista, da Ilha de Santo Antão.

Postas à votação estas duas sugestões, obteve-se o seguinte resultado:

Divisão imediata das Paróquias: — 13 votos

Escolha de uma comissão de estudos: — 2 votos

Um voto nulo por não ter respondido claramente ao assunto.

Conclusão

Não tivemos necessidade de uma introdução, disse o Senhor Bispo, e nem precisamos de uma conclusão, pois demos apenas um passo neste longo caminho que temos de continuar. Foi agradável este diálogo, que me alegrou e, sobretudo, me fortaleceu e animou.

Durante todo este Conselho sentiu-se bem a presença invisível de Alguém a inspirar, a iluminar e a acalentar os nossos desejos apostólicos e, neste momento de conclusão, essa Presença repete-nos a palavra que ressoa há longos séculos no mundo: "euntes, docete".

Partimos todos daqui mais unidos, mais fervorosos para cumprir esse mandato. O caminho que vamos trilhar não é de rosas, mas os espinhos que o cobrem começaram já a florir e, certamente, mais ainda hão-de florescer nos horizontes do futuro. São os espinhos d'Aquele de quem somos o retrato aqui na terra. Ele disse-nos: "Qui non bajulat cruce[m] meam non est me dignus". Continuemos nas suas pegadas o nosso trabalho, que é d'Ele, com um crescente entusiasmo, na certeza de que os nossos nomes ficarão escritos nos livros da vida.

O Senhor Bispo, continuando, agradeceu toda a cooperação, compreensão e toda a amizade que encontrou entre todos os Padres e, a terminar, lembrou que sendo nós Igreja, devemos voltar o nosso pensamento para a Igreja. Nós com o Papa e o Papa conosco, queremos viver a Igreja que o Senhor fundou sobre a pedra granítica de Pedro, através do Coração Imaculado de Maria.

Sociedade Luso-Africana, L.^{da}

End. Tele. ANIL — Praia

Importação

Exportação

Representações

Sede em Lisboa

RUA DOS FANQUEIROS 62 1.º

TELEFS : 325417-362251-2-3

End. Teleg. : Cutra — Lisboa

O CENTRO SOCIAL

Assim começou...

Nasceu de uma necessidade. Esta cria o órgão, diz-se comumente e assim se foi dando corpo à ideia da construção que ora se encontra em marcha. Dado o primeiro sinal e interessados nela uns tantos mais ousados e compreensivos, começou-se, como era natural, por comprar um pardeiro na Praça Alexandre Herculano que mais tarde se vendeu, por não satisfazer as exigências do plano em vista.

Muitos passos tivemos de dar e dificuldades sem conta se removeram para que se pudesse adquirir o actual lugar. Criado o CONSELHO PAROQUIAL, este logo se entusiasmou pelo empreendimento que tomou à sua conta, como se a Obra a cada um interessasse pessoalmente e foi, pode-se dizer, a alma do movimento.

Foi comprado o terreno por 500 mil escudos, limpou-se o local das velhas e antiquadas construções que nele existiam, e iniciaram-se os trabalhos no mês de Maio do corrente ano, com a bênção da primeira pedra a 17 do dito mês pelo nosso Bispo, tendo ainda a recomendá-la a honrosa presença de S. Ex.^a O Governador da Província, Membros do Conselho Paroquial, Autoridades civis e uma multidão enorme de amigos e paroquianos.

Escalonada em duas fases, adjudicou-se a primeira por 1.122.000\$00 e está em pleno andamento. O primeiro piso constará de salas de reuniões e convívio, biblioteca, uma sala-refeitório ou sala polivalente, com bar e cozinha, sanitários, campo anexo de jogos, etc...

O 2.º piso envolverá uma grande sala de espectáculos, abrangendo toda a área do rés do chão com todas as divisórias anexas e conformes ao fim a que se destinam e foi calculado em 975.989\$20, nesta altura já adjudicado à mesma empresa construtora.

50 mil escudos por mês...

Desde o início dos trabalhos estamos a entregar 50 contos mensais. Porém uma esperança enorme animou a todos, baseada numa grande confiança na Divina Providência. É que as obras de Deus começam sempre assim-do nada, por assim dizer. Nada havia, de facto, quando a ideia surgiu... Mas foram aparecendo as boas e generosas almas que, aos poucos nos foram ajudando. Com a compra do novo local, ficámos outra vez quase no zero. Desanimar era retroceder. A Empresa Industrial Contrutora Lda deu-nos muitas facilidades, graças ao espírito de compreensão e bondoso coração do Ex.^{mo} Sr. Eng. Graciano Cohen e quase que por milagre os 50 contos mensais, qual chuva de orvalho imperceptível, foram caindo do céu sempre na altura própria: Fizeram-se rifas que deram para dois meses de trabalhos; houve ofertas anónimas e outras às claras, umas grandes e outras pequenas, talvez como as da pobre viúva do templo de Jerusalém, segundo cada um pôde, mas todas sempre com o objectivo de contribuir para uma obra que a todos diz respeito e que de todos é.

Uma volta que em duas tardes se de pelo Comércio valeu bem a pena. Quase chegou para mês e meio, sendo justo lembrar a Casa Serbam com 20.000\$00, o sr. António Sousa Lobo, Joaquim Macedo e Sociedade Luso Africana com 5 mil escudos cada, a Firma João Benoliel de Carvalho com 100 sacos de cimento e o Ex.^{mo} Sr. Fernando de Sousa e Casa do Leão com três mil escudos, para não falar de outros.

Para assegurar estes 50 contos mensais deslocou-se ainda de novo aos Estados Unidos da América do Norte o P. Figueira que assim quis empregar as suas férias deste ano. Percorreu toda a região desde Nova York a Manchester, contactou com os muitos amigos que por lá deixou em 1967, aonde se deslocara com o mesmo fim.

Com um bom reportório de filmes das nossas ilhas, seus costumes, paisagens e folclore que o p. José Maria de Sousa por cá tirou e que com tanta diligência e até, por vezes, sacrifício mostrou por onde passámos, creio haveremos contribuído bastante para a aproximação dos nossos caboverdeanos radicados naquele país com os irmãos que por cá labutam. Foram momentos de verdadeiro portuguêsismo e saudades do torrão natal que ajudámos a viver aos irmãos de além Atlântico.

Eles souberam ser generosos e mostrar quanto amam a terra e tudo quanto sirva para a engrandecer. Por toda a parte nos acolheram e jamais desmentiram a sua proverbial hospitalidade, ou não fôssemos nós os seus abnegados missionários, sempre prontos a dar toda a nossa vida e a gastar todas as nossas energias em em prol de Cabo Verde e de suas gentes—facto que todos conhecem e sobremaneira apreciam.

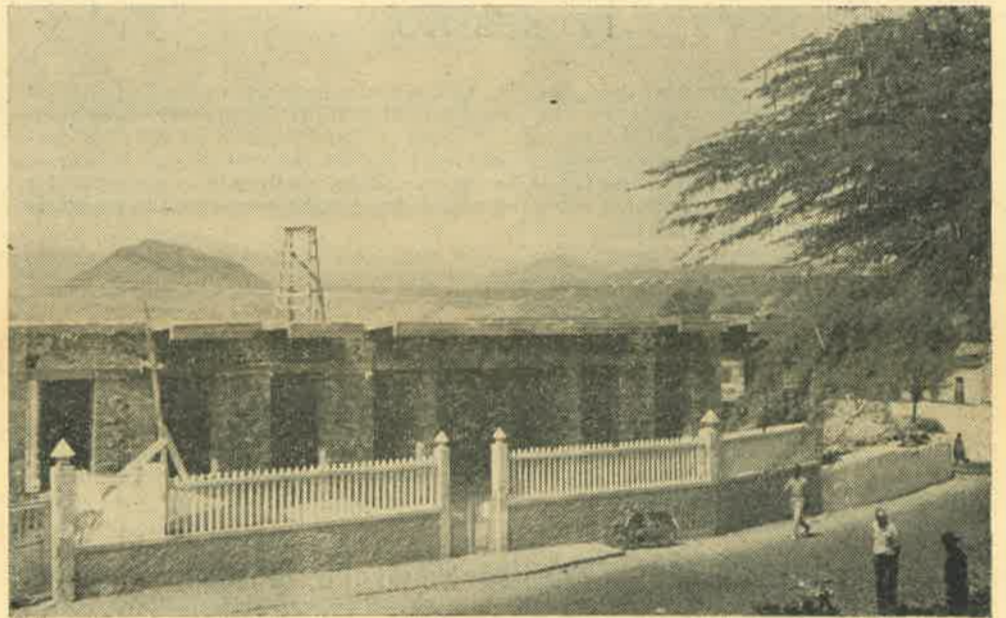
Não foi o dinheiro, o bem estar material ou qualquer interesse terreno que arrasta os missionários a estas terras, como não foram tais motivos que os levaram ou levam a qualquer

outra parte do mundo onde seja preciso fazer oristandade.

Todos sabem que outro valor mais alto nos empolga e nossos irmãos da América o reconhecem. E se as ajudas que de lá trouxemos ma! dão para três meses de trabalho do Centro Social, resta-nos a muita amizade que nos dedicaram e a certeza de futura cooperação que nos prometeram.

Queria' por tal motivo, deixar aqui bem patente a quantos nos receberam e acarinharam o nosso profundo reconhecimento. Não mencionarei ninguém para não ferir susceptibilidades ou deixar alguns no esquecimento, se bem que involuntário, mas Deus sabe e conhece-os a todos e a cada um há-de recompensar de tudo quanto fizeram, como se a Ele o fizessem.

De passagem por Lisboa o Sodalício de S. P. Claver deu-nos ainda a grata notícia de um donativo de 55 mil escudos. À Madre Fundadora de tão prestimosa Instituição Maria Teresa Ledóchowska, ficará dedicada, com uma lápide a assinalar o facto, uma Sala do edifício, em



Os Serviços de Saúde em Cabo Verde

(Continuação da 1.ª pág.)

A Guiné foi apenas desanexada em 1879. Assim uns anos antes em 1873, saía o "Regulamento do Serviço dos Hospitais da Província de Cabo Verde" que considerava três hospitais: o hospital Civil e Militar da Praia, o Hospital Militar de S. Vicente e o da capital da Guiné. Preconizava outras enfermarias. No relatório de 1875 o Hospital Civil e Militar da Praia era tido como o melhor das províncias ultramarinas.

O dealbar do século XX marca o começo da época mais fecunda em realizações hospitalares e sanitárias da província. Assim em 1901 é inaugurado o Hospital do S. Vicente, não obstante ter no seu frontispício a data de 1899. Em S. Antão é criada a Gafaria de Barbasco por portaria de 1912, e no ano seguinte dá-se andamento à sua construção. Em 1918 surge outra medida importante para a organização dos serviços de saúde, até agora ligados, no seu sector civil e militar. Neste ano visa-se acabar com a vinculação dos serviços de saúde à organização militar.

Uns ano mais tarde, por 1920 é abordado seriamente o problema da desactualização do médicos, permitindo-se que quemquer deles frequentasse cursos de actualização e especialização durante os períodos legais de licença, pagos pelo Estado,

em Portugal ou Estrangeiro, por tempo não superior a seis meses.

Na década seguinte outro marco é lançado na organização da saúde caboverdeana: a portaria de Novembro de 1930, chamada "Regulamento dos Serviços de Saúde e Higiene da Colónia de Cabo Verde." Marca as sedes das delegações para a Praia, Ponta do Sol e nas demais ilhas' as sedes de concelho' Falava ainda de postos sanitários, laboratórios hospitalares, serviços de profilaxia, gafarias e postos de enfermagem. No ano seguinte organizava-se o "Serviço de Saúde Militar das Colónias." A grande série de realizações indiscutivelmente ligada ao trabalho do Estado Novo começa precisamente nesta década.

É criado em 1933 o posto sanitário de Cova da Figueira e pouco mais tarde o de Ribeira da Barca. Em 1939 vem um aparelho de Raios X para o Hospital de S. Vicente, é criado em 1940 o Dispensário Antineérico deste hospital. Em Chã de Igreja é criado um Posto Sanitário em 1953. Em 1937 criava-se o Hospital de S. Filipe na Ilha do Fogo.

A década de 40 é não menos fecunda. Assim no Hospital da Praia é criado o Pavilhão para Cirurgia com duas salas de operações. Vão sendo construídas enfermarias em S. Nicolau (1947), Santa Catarina (1948), Ribeira Grande, Orgãos (1949)

Calheta de S. Miguel (1951), Dispensário de Puericultura da Assomada e Enfermeria de Sal Rei (1955).

A década de 50 é assinalada por uma grande crise de varíola na Ilha de Santiago e Santo Antão. Em 1951 são tomadas medidas contra doença infectocontagiosas como a febre amarela e varíola para os que entravam de avião e de barco.

Os trabalhos de saneamento dos arredores da Praia são feitos nesta década. Secagem de terrenos alagadiços com plantamento de árvores, dedetização, etc.

Os serviços de saúde de Cabo-Verde vêm-se promovidos pela sua participação em vários Congressos e trabalhos de organismos nacionais e internacionais. Uma representação sua toma parte no X Congresso Internacional de Medicina do Trabalho em Setembro de 1951, no I Congresso Nacional de Medicina Tropical de 1952. O Chefe dos Serviços de Saúde tomou parte na IV Reunião do Comité Regional de África da O. M. S. em Léopoldville, 1954. Vários médicos têm sido desde então bolsiros da O. M. S.

A melhoria dos hospitais é francamente positiva. No Hospital de S. Vicente foi inaugurado pelo Dr. Almerindo Leça um Centro de Hemoterapia e Reanimação, em 1956. Entre as realizações dos últimos anos

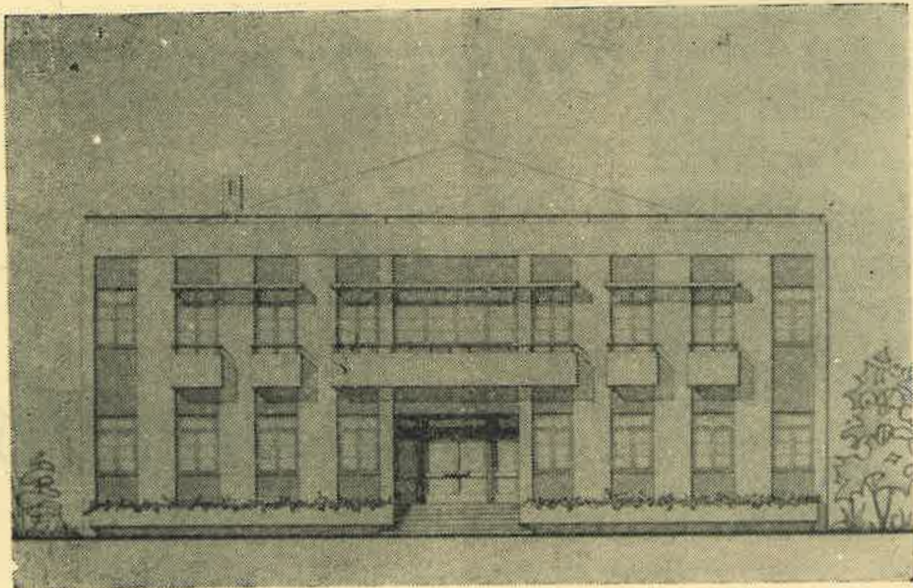
da década de 50 estão o Posto Sanitário dos Mosteiros, na Ilha do Fogo, o Posto Sanitário de S. Lourenço, ilha do Fogo, inaugurado em 1958, a aldeia gafaria da Sinagoga, Santo Antão em 1959.

Por esta altura e em toda a década de 60, os Serviços de Puericultura fazem progressos notáveis. Uma Enfermeira-Parteira do Hospital de S. Vicente obtém uma bolsa de estudo oferecida pela O. M. S. para frequentar um curso de aperfeiçoamento em Dakar. Logo após o seu regresso é criado um Dispensário de Puericultura em S. Vicente. Em 1961 é criada a Maternidade da Assomada. Foram criados também em 1961 dois dispensários de Puericultura nas delegacias de saúde de Boavista e S. Nicolau. Foram criadas também, no hospital da Praia, "Escolas de Parteadas Rudimentares."

Para além de outras realizações que a história do Dr. Henrique Lobrano não menciona já, por terminar na década de 60, julgamos por bem citar a última frase desse mesmo estudo: "Assim se explica que a assistência sanitária ao lado de outras medidas assistenciais, tenha conseguido que a população da província de Cabo Verde cresça no ritmo de 5000 habitantes por ano, e tivesse passado de 147 097 habitantes, que correspondia ao censo de 1950

(Continue na 5.ª pág.)

L DA PRAIA



sinal de reconhecimento.

Esperamos dedicar outras Salas a quem contribuir com a verba, pelo menos para um mês de serviço.

A Quermesse que em tão boa hora o Conselho Paroquial ampliado levou a efeito ultimamente no Parque infantil da Capital rendeu cerca de 40 mil escudos. Mas uma chega para os 50 mil mensais . . .

Aos da iniciativa e a quantos nela tomaram parte, às Autoridades que gentilmente cedem o local ou deram sua colaboração o nosso Muito Obrigado!

A quantos quiseram marcar sua presença um Bem Hajam bem português, por uma cidade mais progressiva e mais acolhedora!

Centro Social em acção Convívio

Antes de mais será um centro da convívio na nossa cidade. Será equipado com material sonoro, livros, revistas, etc., e terá um bar à disposição dos cidadãos que ali se reúnam para melhor se conhecer e trocar ideias, ou para se distraírem.

C. A. M. P.

Está previsto para 11 de Janeiro p. f. o início das actividades do Clube de Amadores de Música da Praia, iniciativa de um grupo de homens e senhoras desta cidade, apreciadores daquela arte e que quiseram dar um primeiro e importante passo ao sentido de fomentar o cultivo das extraordinárias potencialidades do povo caboverdeano neste campo. E acontece que o CAMP escolheu o C. S. P. para sua sede, tendo o rev. pároco de N. Sra. da Graça gentilmente cedido parte daquele edifício para o efeito.

Espectáculos

A segunda fase de C. S. P. dar-nos-á, como 1.º andar, uma sala de espectáculos a toda a extensão do edifício, com capacidade para cerca de 50 lugares sentados, e confortáveis.

Significa isto que teremos dentro de pouco tempo na nossa cidade uma nova sala de cinema, teatro e outros espectáculos, à disposição de todos os habitantes. E a gerência planeia proporcionar-nos uma programação de espectáculos menos

comercial que formativa para todos nós.

Os nossos fins de semana

Parece, pois que teremos, a curto prazo, maiores possibilidades para os nossos fins de semana, com um acréscimo de proveito para a nossa cultura e o nosso repouso.

Os Serviços de Saúde em Cabo Verde

(Continuação da 4.ª pág.)

(em 1900 era de 147 424), para 220 375 habitantes em 1963.

(coordenado por L. C.)

Mortalidade Geral

1960	— 15,6	por mil habitantes
1961	— 12,5	» » »
1962	— 11,5	» » »
1963	— 14,6	» » »
1964	— 10,6	» » »
1965	— 11,0	» » »
1966	— 10,5	» » »
1967	— 11,0	» » »
1968	— 9,7	» » »
1969	— 13,7	» » »

NB. A percentagem estimativa geral para 1970

parece ir situar-se em menos de 11,5 por mil hab.

Natalidade Geral

1960	— 49,7	por mil habitantes
1961	— 40,4	» » »
1962	— 42,1	» » »
1963	— 44,2	» » »
1964	— 43,2	» » »
1965	— 41,3	» » »
1966	— 40,0	» » »
1967	— 41,1	» » »
1968	— 39,6	» » »
1969	— 36,6	» » »

NB — Esta taxa de natalidade é das mais elevadas do mundo.

Hora Grande

1

O mar sairá das nossas ilhas das nossas ruas das nossas casas das nossas almas...

O mar irá para o mar e limpos finalmente do lodo das algas e libertos do sal do nosso sorriso de enteados seremos frutos de nós mesmos nascendo da barriga negra da terra...

3

Nas feridas do seu porto as raízes do nosso umbigo beberão a seiva e no ventre da "mamãe-terra" germinarão as sementes das nossas certezas e nos embriagaremos da carne dos seus frutos.

As crianças nascerão sem metas nos olhos e as suas mãos sujar-se-ão do mel do nosso olhar...

As crianças serão crianças! Negras e loiras brancas Serão pétalas da mesma flôr...

O. S.

ficaram abertos. Fixos na teto de palha. Mas depois o sono fechou-as. Dormiu

4

Um galo, no poleiro duma casa vizinha cantou alvorada. Era um grito agudo e prolongado, que no campo representava a sineta do relógio despertador da cidade.

Dum salto, o rapazito levantou-se da esteira. Estirou os braços num gesto indolente, bocejou, e sfregou os olhos ainda sonolentos, vestiu uma calça e foi para a ribeira lavar o rosto.

A água, como um lagarto, rastejava entre as pedras. O rapazito colocou as mãos em concha e lavou o rosto. Correu um pente pelos cabelos e foi à vila.

Chegou aopé de umacamineta e pediu ao motorista:

—A ntóninho, arranja-me uma pa ssagem até Praia — os olhos pediam mais queas palavras

—Mas, Beto — nome do rapazito — porque queres ir à cidade.

—Mamã morreu anteontem e não tenho ninguém cá. Leva-me, por favor. Deus te pagará.— insistiu o garoto com expressão inocente.

—Bem, o carro está cheio; se quiseres podes entrar, mas não vais sentado no banco — explicou o motorista.

Meia hora depois o "Juvita" — partia. Estava cheio de gente, como sardinha enlatada.

5

As dez horas chegou à Praia. Beto desceu, agradeceu ao motorista e entrou no mercado. Deu uma volta lá dentro, sempre com os olhos cravados nas frutas. Não tinha tomado café naquele dia. Estava com fome. Ao ver as mangas vermelhas a saliva cresceu-lhe na boca.

De repente uma coisa sobressaltou-o. Viu um rapazito, da sua idade roubar duas bananas. Seguiu-o e pediu-lhe uma, mas este só lhe deu um pedaço. Também tinha fome.

— Onde posso arranjar comida? — perguntou-lhe Beto.

— Olha, eu tomo comida no quartel dos soldados. Mas é preciso um cartão. Queres vir comigo? Vou pedir ao capitão para te arranjar um.

4



O mundo
em
esperança
depende da
esperança
do mundo:
os jovens

Joaquim
Ochôa



rampa de lançamento

TREVAS

Saiu do quarto de banho já vestido e penteado, quando a rapariga entreabria os olhos turvos pela melancolia retratada no seu semblante. Tinha o olhar de animal bravo acossado, mas não deixou de ter um pouco de brilho quando o sol nascente nele refluiu, vindo duma das persianas. Eram castanhos e lindos os seus olhos.

—Que faço aqui? — perguntou a moça recuando para a cabeceira, ao sentir a presença do rapaz.

—Você dormiu apenas—respondeu o dono da casa, tentando um sorriso meigo e tranquilizador. Encontrei você na praia ontem à noite, lembra-se?

Ela fez compreender-se apenas por um movimento de cabeça.

—Porque me trouxe você para o meu quarto? — perguntou a moça rispidamente.

—Não tinha para onde levá-la, senão trazendo-a para a minha casa — desculpou-se o protector, abrindo os braços de resignação— mas a minha intenção foi apenas protegê-la.

—Obrigado — tartamudeou a moça, fixando os olhos no chão. Des-

culpe-me ter sido assim e de lhe ter dado um grande incômodo.

—Não tem de quê,

—Mas porque me ajudou? Porque não me deixou ali sôzinha?

—Porque... —o rapaz calou-se, porque dele se aproximava a moça, e o olhava como quem olha para um santo protector.

—Eu compreendo. Também você estava só, ama a solidão e o mar, por isso o destino nos marcou este encontro.

—Sim — aceitou o rapaz, tímido como uma criança. Ao menos podia saber o seu nome?

—Alcy. É o seu?

—Aleka.

—Gosto do seu nome, mas parece-me estranho, estranho...

Sorriram ambos, dissipando o ambiente do quarto ainda meio adormecido.

—Deixemos esse você para lá; concorda, Aleka? Alcy e Aleka apenas..

—De acordo. Talvez queiras lavar-te. Está tudo na sala de banho, desde uma escova nova para ti.

Conto por S. T. A. — II

—Como te hei-de agradecer, Aleka? Bendita a hora do nosso encontro.

Enquanto ela se fechava no quarto de banho Aleka fez, como de costume, o arranjo do quarto.

Sentado à mesa, tomavam o pequeno almoço em silêncio. Alcy empurrou um bocadinho a sua chávena, enquanto que Aleka continuava a comer.

—Porque não comes?

—Porque não tenho apetite.

O quarto de novo caiu no silêncio; até eles chegavam ruídos abafados de pneus aderindo ao piso derrapante, gritos de criança e do pouco movimento que reinava lá fora.

Aleka acabara a refeição. Estendeu um maço de cigarros à rapariga.

Que estariam eles ali esperando, à medida que fumavam? Dois seres desconhecidos, dois seres estranhos, cuja corrente da vida frente a frente colocara.

(continua na 7.ª pag.)

AMOR

Bilhões de almas perdidas
nesta gigantesca máquina do universo,

no turbilhão dos ventos,
das peregrições,
do egoísmo.

Perdidas
nos mesmos gestos de Judas,
nas trevas,
no desprezo aos preceitos do Senhor.

E quantas,
quantas caindo em mil abismos...
Quem vem acender-lhes a luz eterna?

Quem?!

Só tu, donzela amada,
só tu, alma generosa,
podes dizer:

—Vinde, forasteiros vagabundos,
vinde, irmãos meus,
filhos de meu Pai.

Os seus braços estão abertos,
abertos para te receber na nossa casa,
a casa do AMOR.

Mara Lima

Deserdados

I

1

O sol já estava a caminho de casa. Ia esconder-se atrás de um monte para no dia seguinte recomençar o seu trabalho, iluminar. Um rapazito, como ele regressava a casa.

Chegou. Sentou-se numa pedra ao pé da porta e contemplou os últimos raios solares daquele dia, que davam aos montes um aspecto ensanguentado e triste.

O rapazito não parecia cansado, mas assim triste e desesperado. Nos seus olhos inocentes a angústia boiava.

Uma brisa fresca perpassou-lhe diante do rosto. Os olhos não se moveram. Estavam fixos no crepúsculo, mas não o via. A concentração tinha-o pregado a uma realidade passada que o atormentava a cada instante.

2

—Não tenho ninguém. Primeiro foi meu pai que em S. Tomé — quando fomos como serviçais — nos deixou. Teve seis dias de cama. No sexto dia fechou os olhos. Abandonou-nos.

Minha mãe trabalhou muito, até o contrato terminar. Tinha eu naquele tempo 9 anos. Andava sempre ao pé dela com medo que algum bicho me mordesse.

Aquela terra onde estávamos era como prisão. Não víamos ninguém, mais ou menos. Era a roça. Não íamos à cidade. Davam-nos comida racionada. Foi sempre a mesma coisa.

Terminado o contrato arrumámos tudo numa mala de pau e embarcámos.

Quando chegámos à Praia não acreditei no que vi. Tudo era bonito. Havia carros, pessoas, ar fresco, tudo. Parecia-me que tinha saído da prisão e vinha receber a liberdade...

Fomos à Administração. Mamã recebeu algum dinheiro. Ela disse que eram três contos. Comprámos algumas roupas e sapatos.

2

Beto

Vimos para o interior — Órgãos. Nossa terra. Terra onde nascemos, nos criámos e labutámos. Mas porque tinham saído de cá mamã e papá? Por mim acho aqui mais "sabe" que S. Tomé. A única coisa que tem a mais do que cá é chuva.

Há lá aquele pássaro que a chama — "chuba cho-o-o-be" — e aqui não há.

Ah! Já me lembro. Antes deles iram eram reideiros e como não choveu, o regadio secou. A terra não deu comida naquele ano. Foi naquele ano de 47 em que não se ouvia outra palavra senão "crise". Morreram muitas pessoas. Morreram tantas que eram enterradas em valas. Muitas foram à Assistência. Outras, como nós, alistaram-se como serviçais para S. Tomé. Isso contou-mo minha mãe com lágrimas nos olhos.

Agora penso nela que, como meu pai, ontem me abandonou. Não dormi. Chorei muito. Já não tenho mais lágrimas para chorar. Perdi o que havia de melhor para mim neste mundo. Perdi meu amparo, meu carinho e, acima de tudo, aquele amor de mãe que não sei explicar.

Estou desesperado. Que hei-de fazer, meu Deus? Não tenho ninguém neste mundo. Ajudai-me, meu Deus, Onde posso dormir? comer? viver? . . . Amanhã, o dono da casa vem tomá-la.

Tenho treze anos, posso trabalhar. Mas aqui não há trabalho. Só se eu for para Praia. Lá é grande, tem tudo: trabalho, comida e movimento. Amanhã vou pedir ao chófer que me leve para a Praia."

3

Levantou-se da pedra. Deitou uma vista de olhos pelos montes. O sol já não se via. No céu cintilavam algumas estrelas. A lua parecia uma fatia de papaia. Irra diava um clarão que penetrava na alma do rapazito, como uma seta no coração, desvendando-lhe todo o sofrimento e desespero.

Entrou em casa. Acendeu uma vela. A chama era amarela e assemelhava-se a duas mãos juntas em oração, erguidas para o céu. Estendeu no chão a esteira de palha; passou-lhe por cima uma manta pesada, que tinham trazido de S. Tomé e deitou-se. A princípio os olhos

3

Dignidade Humana e Cultura

Uma das grandes vitórias do Concílio foi superar o dualismo neoplatónico e apresentar o homem na dúbia dimensão, espiritual e corporal. Realmente, o homem na sua totalidade de corpo e alma é que foi criado por Deus e salvo por Cristo mediante a sua morte e ressurreição gloriosa e hoje encontra-se empenhado na construção dum mundo de progresso e de paz... A esse homem, feito à imagem de Deus e, por isso, participante da luz da inteligência divina, foi-lhe confiado todas as criaturas terrenas para as dominar e, por elas, glorificar o Criador. A sua actividade e contínuo esforço de humanização do universo ao longo dos séculos estão patentemente nos grandes sucessos alcançados tanto nas aturadas escondidas pesquisas dos laboratórios como na espectacular empresa da conquista do mundo dos astros, até hoje ponto culminante da formidável argúcia da inteligência e vontade do homem no domínio das forças da natureza. Por isso, com razão o Concílio declara que o "homem não se engana se se reconhece por superior às coisas materiais e se se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anónimo elemento da cidade dos homens (...). Ao recordar, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas (G. S. 15).

Todo o homem é dotado de facultades espirituais próprias da sua integração total, matéria e espírito, cujo desenvolvimento e exercício, a sua dignidade humana exige imperiosamente. É daí nasce a exclusão de qualquer discriminação social ou cultural, pois, a Pacem in Terris e a Declaração dos Direitos Universais assinalam que "é direito do homem o acesso aos bens da cultura e o direito de cultivar as artes e de participar no processo científico e nos benefícios que dele promanam." (Art. 15 e 27). No Vaticano II os bens da cultura são considerados tão essenciais à vida humana como os bens materiais e isto leva-nos a pensar que não é mais um mobiliário de luxo ou um ócio inútil e escandaloso, mas um elemento ontológico da vida humana. Na sua Encíclica sobre o Desenvolvimento dos Povos, Paulo VI diz que "a fome da instrução não é menos deprimente que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado". A promoção cultural do indivíduo é, portanto, um dos direitos inalienáveis do homem e por isso há que "procurar que todos tenham acesso a uma quantidade suficiente de bens da cultura, principalmente os que constituem a chamada "cultura de base" a fim de evitar que um grande número de homens se veja impedido pela ignorância e falta de iniciativas, de prestar a sua cooperação ao bem comum" (GS 60). Todo o homem sente hoje a urgência duma participação activa e efectiva na vida social, económica e política e, para isso, precisa duma educação correspondente à responsabilidade que anseia assumir. "É preciso trabalhar para que todos tomem consciência, não só do direito mas também do dever que têm de se cultivar e de ajudar os outros nesse campo" (GS 60).

O Concílio descreve a cultura como "todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências e as suas aspirações." (GS. 53)

A cultura apresenta muitos aspectos compreendendo o histórico, o sociológico, o etnológico, etc. Toda a humanidade constrói e participa da cultura pois ela compreende dois polos: um que mergulha as suas raízes num passado longínquo e imemorável e outro que se projecta como uma luz no presente da actividade humana. É a convergência duma herança perene e duma criação constante e continua cujo termo é idêntico ao da própria humanidade. A cultura e a natureza humana aparecem-nos assim estreitamente ligadas e, consequentemente, o homem é cada vez mais homem na medida em que desenvolve os valores do espírito, alarga o horizonte do conhecimento do cosmos e de si mesmo, submete as forças da natureza e assim pode crescer mais e ser mais.

A partilha dos bens culturais, a educação, a investigação da verdade, mesmo em matéria religiosa ou política, o poder manifestar e difundir o seu pensamento, a justa e objectiva informação dos acontecimentos de interesse comum, são direitos que não podem ser negados a homem algum. De contrário, ficaria lesado na sua dignidade (CE. GS 62; P. T. 12).

É de lamentar que, apesar dos progressos nos campos da ciência e da técnica

e dos meios de comunicação social que proporcionam a cultura a muita gente, ainda grande parte da humanidade vive na noite da ignorância, limitada pelas condições infra-humanas impostas criminalmente pelo egoísmo explorador dos direitos do homem, cerceando todas as iniciativas individuais ou colectivas, estrangulando qualquer germen de ideologia que não se identifica com o regime ou modo de pensar dos detentores da autoridade. No entanto a Constituição Gaudim et Spes proclama que "a cultura, uma vez que deriva imediatamente da natureza racional e social do homem, tem uma constante necessidade de justa liberdade e de legítima autonomia, de agir segundo os seus próprios princípios para se desenvolver. É preciso, continua a Constituição, insistir-se para evitar que a cultura, desviando-se do seu próprio fim, seja obrigada a servir as forças políticas e económicas" (GS 59).

A missão de educar na cultura que promana do próprio sacramento do Matrimónio, como um dos seus fins principais pertence, mais do que a ninguém, à família, primeira célula da sociedade. Na verdade, é na família que a criança e o adolescente vão apreendendo como que naturalmente as formas mais elementares da cultura, quer através da conversa e dos exemplos dos pais, quer através dos meios de comunicação, tais como os livros, as revistas, o jornal, a rádio e a televisão, que fazem parte essencial da vida moderna.

"E na família, diz o Concílio, que adquirem a primeira experiência quer da sociedade humana quer da Igreja; é pela família que são introduzidos no consórcio civil dos homens e do Povo de Deus". A família é, portanto, a primeira e a mais marcante escola na vida do homem. Porém, as rápidas transformações das mentalidades que hoje se operam, sobretudo nas camadas jovens, que mais facilmente superam uma sociedade de estruturas estáticas e estandardizadas e anseiam por uma outra mais dinâmica, activa e autêntica, embora com muitos riscos de desprezar certos valores perenes válidos ainda hoje, trazem dificuldades de aproximação recíproca entre a geração dum certo passado e a presente. Todos reconhecem, mais do que nunca nos nossos dias, que a família por si mesma não pode carregar com todas as responsabilidades que uma educação exige. O Concílio lembra que é "dever próprio do poder público providenciar para que todos os cidadãos possam alcançar uma justa participação na cultura (...). Portanto o mesmo poder público a deve defender os direitos da criança a uma adequada educação escolar, velar pela competência dos professores e pela eficácia dos estudos, atender à saúde dos alunos e, em geral, promover todo o trabalho escolar excluindo o monopólio do ensino que vai contra os direitos inatos da pessoa humana, contra o progresso e a divulgação da cultura, contra o convívio pacífico dos cidadãos e contra o pluralismo que hoje vigora em muitíssimas sociedades" (GS. E 6).

Constituiria uma lacuna não considerar o dever que à Igreja cabe, como sociedade humano-divina de todos os homens de boa vontade, para com a cultura, uma vez que tem como missão pregar o Evangelho de Cristo a todos os povos, cada um com os seus costumes, as suas tradições, os seus tesouros culturais, devendo purificá-los, aperfeiçoá-los e restaurá-los finalmente em Cristo. Efectivamente "muitos laços existem entre a mensagem salvífica e a cultura humana", diz o Concílio e atestam as experiências missionárias. Por isso, deve haver da parte da Igreja um movimento de aproximação e adaptação às mentalidades e formas culturais dos diferentes tempos e lugares num esforço de compreender e ser compreendida, de aceitar e ser aceite. O Concílio do Vaticano II é o resultado prático desse esforço gigante que a Igreja fez e tem de continuar a fazer para acompanhar a rápida evolução dum mundo em constantes mutações, que se mostra intransigente e contestador dos valores tradicionais e eternos quando não lhe são apresentados de maneira nova, concreta e prática. A Igreja é sinal de salvação para todos os homens e a sua mensagem deve libertar o homem de toda a escravidão, de toda a exploração dos seus direitos, de todas as injustiças que ofendem a sua dignidade humana e apontar-lhe o caminho da virtude, da fraternidade, da unidade em Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

(continua no próximo número)

Diriati Gonçalves

Assine e divulgue

A Voz Paroquial

o jornal que é seu

TREVAS

(continuação da 6.ª pag.)

— Talvez estejas pensando quem sou eu — começou a rapariga, esmagando a ponta do cigarro no cinzeiro. A minha história é longa e triste, mas ela é apenas um detalhe.

— Não, nada é profano.

— Apenas te direi algumas coisas. Sou angolana, estou de passagem por S. Vicente a caminho da metrópole. O Amélia de Mello avariou-se, por isso a minha estadia foi prolongada até quando me encontraste, ou, melhor, até hoje — ela falava calmamente e de olhos fixos na cama onde passara a noite. Ia passar fora o Natal, mas parece-me que voltarei de avião para Luanda. E tu, — voltando-se para Aleka — que fazes? Agora é a tua vez de dizeres alguma coisa.

Sou curiosa.

O rapaz sorriu, contente com o ambiente recém-criado.

— Sou caboverdeano, mas de outra ilha. Vim cá passar as férias. Estou cumprindo a minha comissão militar em Angola.

— Em Angola! — exclamou a moça, surpresa. Aonde é o aquartelamento da tua companhia?

— Em Zemba. Conheces?

— Só de nome e postais.

— Bem, falemos de outros assuntos, que para trás deixei a tropa. Quando é a partida?

— Não sei ainda, mas duvido se regresso ou continue. O carro lá fora é teu?

— Não, é duma prima, filha do dono desta casa.

Levantaram-se da mesa.

— Aleka! — chamou a rapariga ao companheiro, que se encontrava de costas para ela. Queria mudar de roupa e ela está a bordo. Tens aí um telefone?

— Sim, mas que vais fazer?

— Chamar um táxi.

— Chamar um táxi? O Fiat não serve? Ou preferes ir noutra carro? — Se pudesses fazer-me esse favor, agradecia-te...

— À tua inteira disposição...

A manhã estava clara; O céu, límpido, sem núvens, deixava o sol aquecer o ar da cidade; nem uma pequena brisa soprava do mar.

— Ut... Aleka, faz tanto calor!

— Na verdade, mas já estou habituado às intempéries.

Entraram no carro..

— Sabes conduzir, Alcy? — perguntou o furriel já sentado ao volante.

— Sim, tenho carta de condução e guaiava algumas vezes o carro do meu pai.

— Queres levar o carro?

— Sim, apetece-me conduzir.

Trocaram de lugar, a moça pôs o carro em andamento com desembaraço; espreitou para trás pelo retrovisor, fez o carro girar em semi-círculo e rumou para o cais acostável.

Ao passarem no local aonde na noite anterior se tinham encontrado, sorriam...

O mar estava calmo e as águas azuis reflectiam os cascos dos navios de cabotagem fundeados perto da avenida marginal. Mais longe estava um barco estrangeiro, negro e de linhas antigas.

Os pneus indicaram que tinham entrado no cais.

Ali, acostado estavam os barcos de pequeno calado, japoneses, coreanos e chineses que vinham pescar nas águas de Cabo Verde.

Ao lado, os barcos da infância de Aleka: Bita, Ernestina, Gilica, Nauta e mais, pareciam um retrato do passado distante.

Alcy freou o carro bruscamente, fazendo o companheiro dar uma guinada descontrolada para a frente.

— Espera um momento — disse ela saltando para fora do carro. Não te aborreças.

— Eu espero...

O casco branco do Amélia de Mello vinha manchado de ferrugem. O movimento dentro do barco não era nada notório. No portaló ninguém estava, e em cima do cais n.º 3 só um guarda da alfândega fazia o serviço de vigilância. Mais adiante, deixando escapar um fumo espesso da chaminé, estava uma corveta da armada, e nela amarradas duas lanchas-patrolha da guarda costeira. No outro extremo o "Borba" escurcia o cais com o negro do seu casco. Ao lado, um rebocador puxava um navio-depósito da Shell para reabastecer qualquer barco surto no porto.

Enquanto os olhos de Aleka rodeavam pela terra e pelo mar, Alcy vinha descendo a escada de serviço a bordo. Envergava uma blusa grenat, calças compridas de bombasine, que lhe cingiam as ancas bem moldadas. O cabelo, deixara-o à solta. Num braço trazia dependurada uma bolsa preta e numa mão uns óculos sem graduação, escuros.

— Quando é que o barco sai?

— Ninguém sabe ainda.

Enquanto falava, sentou-se ao volante, pôs a bolsa no colo de Aleka e parou uns instantes observando o mar.

— Vamos, menina...

— A caminho de onde? Eu preferia ir para uma praia.

— Vamos à Baía das Gatas, O.K.?

— Não conheço o caminho.

— Eu guio-te, mas antes disso passa em casa para eu vestir os calções de banho.

(continua)

CASA
DO
LEÃO

de NUNES LEÃO E IRMÃO

Camisas

e

Retrozarias

Máquinas fotográficas

Tecidos,

Relógios. Aparelhos-Rádio

Declaração dos Direitos da Criança

(Continuação da 1.ª pág.)

ceber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que o seu estado ou situação necessita.

ARTIGO 6.º

Para o desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, necessita a criança de amor e compreensão. Deve sempre que possível, crescer sob a vigilância e a responsabilidade dos pais, e, em todo o caso, numa atmosfera de carinho e bem-estar moral e material; salvo em circunstâncias especiais a criança de pouca idade não deve ser separada da mãe.

A sociedade e os poderes públicos têm o dever de cuidar de modo especial das crianças sem família e das que não têm meios suficientes de subsistência. É aconselhável que às famílias numerosas sejam concedidos abonos especiais do Estado ou de particulares em benefício das crianças.

ARTIGO 7.º

A criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos níveis elementares. Deve beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral e lhe permita desenvolver as suas faculdades, seu juízo pessoal e o sentido das responsabilidades morais e sociais, e tornar-se um membro útil à sociedade.

O superior interesse da criança deve ser o guia daqueles que têm a responsabilidade da sua educação e da sua orientação; esta responsabilidade incumbe em primeiro lugar aos pais. A criança deve ter todas as possibilidades de se entregar a jogos e a actividades recreativas, que devem orientar-se para os fins visados pela educa-

ção: a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer à criança o uso deste direito.

ARTIGO 8.º

A criança deve, em todas as circunstâncias, ser dos primeiros a receber protecção e socorro.

ARTIGO 9.º

A criança deve ser protegida contra toda a forma de negligência, de crueldade, de exploração. Não deve ser submetida a exploração comercial, seja qual for a forma que esta revista.

A criança não deve ser admitida a um emprego antes de atingir uma idade mínima apropriada; em caso nenhum deve ser constrangida ou autorizada a arranjar uma ocupação ou emprego prejudicial à sua saúde ou educação ou que entrave o seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

ARTIGO 10.º

A criança deve ser protegida contra as práticas que possam levar à discriminação racial, à discriminação religiosa ou a qualquer outra forma de discriminação.

Deve ser educada num espírito de compreensão, de tolerância, de amizade universal e no sentimento de que lhe compete consagrar toda a sua energia e todos os seus talentos do serviço dos seus semelhantes.

"A guerra agita nos corações dos homens a lama dos seus piores instintos. Ela premia a violência, alimenta o ódio e abre o caminho à cupidez. Ela sufoca os fracos, exalta os desprovidos, acalenta a tirania."

DE GAULLE

CLUBE DOS AMADORES de Música da Praia

Vai nascer um novo Clube, um novo grupo de pessoas decididas a valorisarem-se cooperando.

Se deseja aumentar o círculo do seu convívio, estar ao corrente da cultura musical clássica e actual aprender qualquer instrumento, participar na alegria de tocar em conjunto ou iniciar-se na sonoplastia...

Inscreva-se como sócio. Como condições apenas lhe pedimos uma pequena quota mensal de 5\$00 (juniões) ou 10\$00 (seniores) como simples sócio, ou 50\$00 aos sócios alunos de um curso elementar de música com 3 aulas por semana.

LIVROS

FICHA - À Descoberta de Deus
Jeanne Marie Dingdon
Livraria Figueirinhas - Porto

É um novo método de ensino religioso dos 4 aos 6 anos.

Leva a criança a observar — admirar o mundo e tudo o que a rodeia e, por este método ocasional, descobrir Deus segundo as normas da psicologia e pedagogia.

Duma maneira clara e simples a autora mostra a descoberta religiosa da criança dando primazia ao que é vivido por ela sobre o que é aprendido.

Livro indispensável às mães, catequistas, educadoras de infância, jardins infantis e escolas maternas.

Em boa hora a editora o publica e oxalá que os educadores o assimilarem para ajudarem as crianças a abrirem-se cada vez mais para Deus.

A. CUNHA

RECORTE

Uma nova sigla, SEDES (Associação para o Desenvolvimento Económico e Social), e uma nova realidade acabam de despontar no horizonte socio-político português. Os seus objectivos mais próximos são os seguintes:

Sistemas de planeamento do progresso mais racional e mais democrático.

Democratização autêntica, mormente no plano educacional.

Desenvolvimento do espírito científico em todos os domínios da vida socio-económica.

Fomento das formas de associação (sindicatos, cooperativas).

Reestruturação dos grandes ramos da actividade social.

Revisão do sistema fiscal e extinção dos privilégios sociais.

Estruturas de participação política e administrativa.

Sistema de segurança que garanta os direitos fundamentais.

Organização racional do espaço urbano ou regional.

Política geral de progresso.

"Quero concluir afirmando que nas actuais circunstâncias da vida pública, terão sempre de se criar formas novas de pensamento e actuação social. Também aqui me parece importante ultrapassar os esquemas clássicos e tentar realizar o que os estudantes franceses sintetizavam com felicidade em "l'imaginação au pouvoir" (Dr. José Pinto Correia).

(da Vida Mundial)

VIDA SOCIAL

Realizou-se, de 27 a 30 de Novembro, uma quermesse organizada pelo Conselho Paroquial da Praia, que se destinou a arranjar fundos para o futuro Centro Paroquial. A todos os que nela trabalharam, os nossos parabéns.

No dia 28 de Novembro partiu para Lisboa o Governador da província, Brigadeiro Lopes dos Santos, em missão de serviço.

Em 8 de Dezembro, regressou à Praia o P. António Figueira Pinto no termo de uma viagem aos centros caboverdeanos dos U. S. A. O P. José Maria de Sousa, que o acompanhara, deve permanecer ausente em Lisboa por alguns meses.

PANORAMA

Mais um mês correu sobre a cena mundial. Passando os olhos sobre alguns órgãos da imprensa, retivemos os factos que, segundo a nossa opinião, são mais representativos.

● Em Portugal, nos últimos dias de Setembro, o Presidente do Conselho de Ministros, professor Marcello Caetano, falou à nação, por ocasião de uma reunião da A. N. P., comentando os factos da vida nacional dos últimos meses. Acerca daquele organismo político, exprimiu o desejo da sua renovação interna e do seu trabalho por uma reforma pacífica da sociedade portuguesa, "com passos largos mas seguros". Do Ultramar disse que ele tem que continuar a ser defendido porque lá vivem milhões de portugueses, mas discorda dos que afirmam que a independência de Portugal não pode subsistir sem o Ultramar. Falou também da aproximação de Portugal da Europa, dizendo que a união aduaneira, que não a política, merece a devida consideração. Falando da Igreja, acautelou certos sectores de sacerdotes que vêm manifestando uma inquietante preocupação pela política.

● Nos primeiros dias de Outubro, regressou a Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Rui Patrício, depois de ter conferenciado com o seu colega luxemburguês. Segundo o relato que fez à informação, o dr. Rui Patrício falou do estreitamento de relações com o Mercado Comum, em moldes a estudar, bem como de outros problemas secundários, como o dos emigrantes portugueses no Luxemburgo. Aquele ministro disse ainda ter encontrado compreensão e abertura em relação à nossa posição político-económica.

● A propósito de emigrantes, dois factos da vida nacional merecem ser assinalados: o Congresso de Povoamento e Promoção Social, de Luanda, e o Curso para emigrantes, de Coimbra. O primeiro exprimiu em conclusão que o actual fluxo português é ruinoso, demográfico e indus-

trialmente, sendo ainda da opinião de que ele deveria ser orientado para o Ultramar. Chega-nos também notícia de que a Caritas e o Secretariado Nacional da Emigração asseguraram um curso grátis para futuros emigrantes em que se dão noções sobre língua, costumes, leis sobre assistência médica, abonos, relações de trabalho, etc., do país para que se pretende emigrar. O curso, que funciona em Coimbra, abriu em Setembro.

● Os mortos ilustres dos últimos tempos são o presidente Nasser, sucumbido a uma crise cardíaca, talvez a maior bomba rebentada no Médio Oriente, pela sua total imprevisibilidade. Governou 18 anos como líder incontestável do mundo árabe e um dos maiores chefes políticos dos últimos tempos.

● No dia 10 de Outubro foi anunciada em Paris a morte do General De Gaulle, antigo presidente da República francesa, com 80 anos incompletos (fazia anos em 22 deste mês). Grande obreiro da libertação francesa na Segunda Guerra mundial, virou as costas à política em 1949. Em 1958 retomou a actividade política de uma forma fulgurante, durante 11 anos. Acabou com a guerra da Argélia em 1962 e retirou a França do comando militar da NATO em 1966. Permanecerá na história da França e do mundo como libertador clarividente e corajoso de uma nação para quem ele previa altos destinos.

● No dia 28 de Setembro morreu o escritor americano John dos Passos com 74 anos. Descendente de portugueses, nasceu em Chicago em 1896. Os seus livros mais importantes são: "Manhattan Transfer" e a trilogia "U. S. A.", além de uma pequena história de Portugal. Outro grande escritor morreu no fim de Setembro, o alemão Erich Maria Remarque. Os seus livros, de temas políticos, foram queimados em público durante o terceiro Reich. Entre os mais conhecidos estão: "Nada de novo na Frente Ocidental" (1929), "A es-

trada de regresso", "Tempo para amar, tempo para morrer" (1954).

● Dois novos presidentes foram eleitos: Amar El-Sadat, da República Árabe Unida, eleito por 99,4% dos votos expressos. E Salvador Allende, do Chile, sucessor do democrata cristão Eduardo Frei, e o primeiro presidente marxista do continente americano eleito por sufrágio directo.

● Assinala a O. N. U. este ano a passagem do 25.º aniversário da assinatura da sua Carta, em 26 de Junho de 1945, pelos "povos das nações unidas resolvidas a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra", em S. Francisco da Califórnia. Os principais órgãos da O. N. U. são os seguintes: Assembleia Geral, Conselho de Segurança, Tribunal Internacional de Justiça e mais 14 organismos especializados, formando um Conselho Económico e Social. Destes, os mais conhecidos são: F. A. O., (alimentação e agricultura), U. N. E. S. C. O. (educação, ciência e cultura), O. M. S. (saúde), O. I. T. (trabalho). No Observatore Romano, órgão oficial da Santa Sé, de 1 de Novembro p. p. faz-se a história das relações entre a Igreja e a O. N. U. e recorda-se que, para além das deficiências, comuns a toda a obra humana, esta organização merece o respeito e a solidariedade de todos os homens.

● Na audiência pública de 21 de Outubro o Papa Paulo VI abordou o problema da violência, começando por recordar a responsabilidade que o homem religioso tem sobre todos os factos do mundo, porque, embora não competente para os promover, o "homem espiritual julga de tudo" (S. Paulo). O primeiro destes factos é a tortura, que abertamente condena, mesmo "quando tem por finalidade o exercício da justiça e da defesa da ordem pública". Pronuncia-se ainda contra o terrorismo, como "procedimento normal para subverter a ordem estabelecida". Fala, por outro lado, da guerra em geral, dos desvios de aviões, sequestros, roubos,

comércio de drogas. Termina apelando para que a opinião pública se una, não só para os condenar, mas também para procurar inteligentemente as suas causas.

● A Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou em 16 de Outubro um documento em que se apreciavam as condições de garantia e plena realização da acção apostólica da Igreja, no actual contexto social e político do Brasil. Os factos que provocaram esta reflexão foram a invasão da sede nacional da J. O. C. e do Instituto Brasileiro do Desenvolvimento, bem como a prisão de membros dessas organizações e de outros padres e leigos. Afirmando os bispos que o terrorismo de subversão não pode ter como resposta um terrorismo de repressão renovam a condenação do comunismo, embora ele não se deva confundir com uma presença crítica da Igreja no sentido de preservar valores humanos e um compromisso na acção preconizada na encíclica Populorum Progressio e nas conclusões da Conferência de Medellín.

● Foi o seguinte o programa da visita de Paulo VI ao Extremo Oriente: o chefe da Igreja partiu de Roma na manhã de 26 de Novembro. De tarde fez uma paragem em Teerão (Pérsia). A chegada a Manila nas Filipinas foi em 27 de Novembro, com as cerimónias habituais de recepção. O dia 28 foi consagrado a um encontro com estudantes universitários e à participação nos trabalhos da assembleia dos bispos do Sueste asiático. No dia 29 celebrou missa de manhã e visitou a grande emissora religiosa do extremo oriente Rádio Veritas. Em 20 de Novembro esteve na ilha de Samoa. Neste mesmo dia, à tarde, chegou a Sidney, na Austrália. Os dias 1, 2 e 3 de Dezembro foram consagrados a trabalhos vários em Sidney, entre os quais a participação nas quatro conferências episcopais da Austrália. Visitou Jacarta no dia 3, e no dia 4 partiu para Hong Kong e Colombo, chegando à noite a Roma.

Móveis R u j a

para mobiliar a sua casa

Desejamos aos nossos estimados clientes,
fornecedores e amigos um Ano
Novo 71 feliz e próspero



Wladimir I. de Meneses B. Vicente

REPRESENTANTE

dos afamados pneus e câmaras de ar
Firestone e Toyo

óleos e aditivos Bardhal o Dukham's

VENDEDOR DE

acessórios para automóveis e
camionetas, e ferramentas diversas

compressores e ferramentas
pneumáticas «Atlas Copco»

moto-bombas «Petter» e «Villiers»

velas de ignição «Zr» e
baterias «Arga»

artigos de papelaria
e de escritório



*Expressa aos seus prezados Clientes
e Amigos votos de feliz Ano Novo*

A VOZ PAROQUIAL,



no limiar de um Ano Novo

de maior progresso e uma

informação mais frutuosa

deseja a todos os seus

leitores e amigos um

71 feliz e próspero



ABEL CRUZ

Mercearia

Livros escolares

augura a todos os estimados clientes e amigos um 71 cheio de prosperidade.



O

Clube dos Amadores de Música da Praia
(CAMP)



apresenta a todos os sócios e amigos cumprimentos de Boas Festas e deseja a todos um Ano Novo fecundo.

Farmácia do Ultramar

medicamentos

perfumaria

deseja a todos os clientes e amigos um Ano Novo próspero e feliz.



João Benoliel de Carvalho Lda.

em representação da

Sacor
Grundig
Bedford
Opel

bem como em seu nome e no de todo o pessoal da firma

deseja a todos os seus clientes e amigos um 71 feliz e próspero

